



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 3 | JUL-SET 2020

A ESCOLHA LEXICAL PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL NEGRA EM UMA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO



THE LEXICAL CHOICE FOR THE CONSTRUCTION OF THE BLACK SOCIAL IDENTITY IN A CHRONICLE BY LUIS FERNANDO VERISSIMO

Mariana Silva Santos
Universidade Estadual de Maringá, BRASIL

Ruan Fellipe Munhoz
Universidade Estadual de Maringá, BRASIL

Vilma da Silva Araújo
Universidade Estadual de Maringá, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 26/02/2020 • APROVADO EM 27/05/2020

Abstract

This paper aims to analyze the text entitled “Racism”, written by Luis Fernando Verissimo, in order to understand the social representation of the black individual within a fictional context created by a writer inserted in a quintessentially slave society, a question that leads us to think in the social roles impinged to each one of these individuals. To achieve this goal, we propose an analysis of the lexical collection used by the author to represent the black individual from the perspective of the white character, using the assumptions formulated by the formalist and structuralist theories, and also the concepts fitted in the scope of identity. The approach on this thematic is justified by the need for a more enriched understanding of the literary text, as well as of the own historical-social context of the country.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o texto intitulado “Racismo”, escrito por Luis Fernando Verissimo, a fim de compreender a representação social do sujeito negro em um contexto ficcional criado por um escritor inserido em uma sociedade escravocrata por excelência, questão que nos leva a pensar nos papéis sociais impingidos a cada um desses indivíduos. Para que tal objetivo seja alcançado, propomos uma análise do acervo lexical utilizado pelo autor para a representação do sujeito negro pela perspectiva do personagem branco, utilizando os pressupostos desenvolvidos pelas teorias formalista e estruturalista, e também pelos conceitos inseridos no âmbito da identidade. A abordagem dessas temáticas justifica-se pela necessidade de uma compreensão mais enriquecida do texto literário, assim como do próprio contexto histórico-social do país.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Luis Fernando Verissimo. Racism. Identities.

PALAVRAS-CHAVE: Luis Fernando Verissimo. Racismo. Identidades.

Texto integral

1. Introdução

Em **Comédias da vida pública**, Luis Fernando Verissimo apresenta um apanhado das suas crônicas publicadas entre 1968 e 1995, entre elas se encontra o trabalho intitulado *Racismo*, objeto de estudo escolhido para este artigo. O livro conta com 266 produções que revelam a face do escritor frente aos acontecimentos importantes nesses quase trinta anos, como, por exemplo, a ditadura militar brasileira e a censura dela decorrente, além das guerras, golpes, eventos cotidianos e as grandes personalidades do século, sempre com muito humor, ironia e um grande potencial crítico.

A crônica é um gênero literário cuja origem etimológica do seu significante provém do grego *kronos* (tempo). Por isso, *a priori*, a palavra era utilizada para designar relatos históricos e, dentro do campo literário, conserva, como uma de suas características, a discussão de assuntos atuais, encontrando no jornal um dos seus principais suportes. De forma mais elaborada, podemos constatar que:

A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres. O cronista é solitário com ânsia de comunicar-se. E ninguém melhor se comunica do que ele, através desse meio vivo, álcere, insinuante, ágil que é a crônica (COUTINHO, 1976, p. 305).

Embora esse gênero textual seja considerado menor (CANDIDO, 1992), ele possui a vantagem de exaltar o “pequeno”. Em outras palavras, os textos pertencentes a esse gênero se dirigem àquilo que é pouco valorizado pelos demais, temas considerados comuns por fazerem parte integrante do cotidiano das pessoas, tornando-o “grande” por comunicar de maneira inteligível e expressiva assuntos que em um primeiro momento não seriam considerados merecedores de representação artística.

Pertencendo ao gênero tal como descrito, a produção escolhida como base de análise neste artigo trata das relações sociais, um fator que poderia ser considerado ordinário não fossem as atribuições que elas implicam na sociedade, ainda mais quando travadas entre pessoas de etnias e/ou classes sociais distintas.

Tendo em mente essa consideração, o presente artigo busca investigar de que maneira o sujeito negro é posicionado dentro da sociedade retratada por Verissimo, indubitavelmente relacionada à do autor e por ele criticada. Para efetivar essa investigação, levantamos uma discussão sobre identidade e diferença em um contexto multicultural, compreendendo a relevância da abordagem dessas temáticas devido ao modo como a cultura afro-brasileira é representada dentro do texto pelo personagem branco.

Para analisar a forma como Verissimo apresenta o retrato do homem negro, este artigo lança mão da teoria formalista, partindo do pressuposto de que:

Em sua essência, o formalismo foi a aplicação da linguística ao estudo da literatura, e como a linguística em questão era do tipo formal, preocupada com as estruturas da linguagem e não com o que ela de fato poderia dizer, os formalistas passaram ao largo da análise do “conteúdo” literário (instância em que sempre existe a tendência de recorrer à psicologia ou à sociologia) dedicando-se ao estudo da forma literária (EAGLETON, 2006, p. 4).

Em outras palavras, a proposta, em um primeiro momento, é realizar uma análise formal do acervo lexical que compõe o discurso do personagem branco e a função dessa escolha na construção identitária dos personagens pelo ponto de vista daquele que o descreve. Por isso, focamos nos adjetivos e vocativos integrantes das sentenças, para, em seguida, recorrer à teoria estruturalista, tendo como objetivo delimitar a forma como esses aspectos linguísticos se relacionam não apenas entre

si, mas também plasman a relação entre os indivíduos representados. Em um segundo momento, buscamos discutir e compreender a maneira como o primeiro personagem concebe a imagem do sujeito negro e da cultura africana/afrodescendente, tendo como base os estudos Hall (2005; 2006) e Bonnici (2011).

2. Racismo: uma análise

A crônica aqui analisada é construída exclusivamente a partir de um diálogo entre dois personagens. O primeiro a se pronunciar é um homem branco, enquanto o segundo, um sujeito negro. Sem nenhuma descrição do cenário ou intervenção de um narrador, o leitor tem a impressão de estar posicionado entre os dois homens, cujo diálogo se desenrola em vinte e nove falas, que se pressupõe ter sido iniciado devido ao pronunciamento do segundo personagem quanto ao racismo sofrido, tanto individualmente, quanto coletivamente.

Logo na primeira fala, “Escuta aqui, ó crioulo?” (VERISSIMO, 2019, s/p.), percebemos o tom informal e ameaçador que o locutor utiliza, demonstrando a existência de uma hierarquia de poder instituída entre os dois homens que conversam, embora o autor, lucidamente, tenha deixado a resposta do seu interlocutor na mesma linha da pergunta.

O vocativo “crioulo”, selecionado para chamar a atenção de seu ouvinte, surgiu durante o período colonial com o intuito de fazer referência aos descendentes europeus, nascidos em colônias europeias, assim como era empregado para “diferenciar esses cidadãos americanos de raça negra daqueles que tinham chegado da África na qualidade de escravos” (CONCEITO, 2013, s/p.). A palavra ainda pode significar um dialeto, no sentido de produto do encontro entre a língua do colonizador e a do colonizado, além de remeter a “uma raça equina que se cria na América do Sul e que descende do cavalo andaluz trazido para aquele continente pelos conquistadores espanhóis” (CONCEITO, 2013, s/p.). Em outras palavras, o adjetivo utilizado é reconhecidamente de cunho pejorativo para marcar o sujeito racializado como miscigenado, inferior e animalizado.

Na quarta fala, entramos em contato com outro qualificador: negrice. A palavra não é dicionarizada, mas é popularmente utilizada como adjetivo para referir-se a ações praticadas por pessoas negras. Pelo contexto – “Isso é negrice sua. E eu que sempre te considereei um negro de alma branca... é, não adianta. Negro quando não faz na entrada...” (VERISSIMO, 2019, s/p.) – fica evidente a estereotipização do comportamento das pessoas desse grupo. Além disso, percebe-se no trecho “um negro de alma branca” o uso de um adjunto adnominal para a classificação do substantivo negro, indicando que, para ter a sua condição social positivada, a pessoa precisa se aproximar do padrão branco hegemônico.

Pelos trechos analisados, é possível deduzir que o primeiro falante percebe a população negra como pessoas degeneradas, de conduta condenável e atitudes que fogem do padrão aceito pela sociedade que detém uma suposta superioridade racial e uma indiscutível superioridade de poder social e econômico. Para amenizar essa

imagem perniciosa convencionada ao outro, ele afirma que chegou a considerar suas qualidades pela comparação, utilizando um adjunto adnominal, “de alma branca”, que serve como contraste a tudo aquilo que é ligado à identidade negra. Dentro desse binarismo, o branco seria a regra, oposto da imagem moralmente e fisicamente degradada do seu interlocutor.

Em seguida, quando o homem negro se defende com o argumento de que existe racismo no Brasil, o contra-argumento se desenvolve da seguinte forma:

Existe nada. Vocês têm toda a liberdade, têm tudo o que gostam. Têm carnaval, têm futebol, têm melancia... E emprego é o que não falta. Lá em casa, por exemplo, estão precisando de empregada. Pra ser lixeiro, pra abrir buraco, ninguém se habilita. Agora, pra uma cachacinha e um baile estão sempre prontos. Raça de safados! E ainda se queixam! (VERISSIMO, 2019, s/p).

Por meio desse excerto percebemos que as profissões mencionadas como próprias das pessoas negras, não por acaso, limitam-se a serviços de pouco prestígio social, baixa remuneração e com pouca instrução formal. É importante destacar também que o qualificador “safados”, modificador de “raça”, refere-se à “raça negra”, embora biologicamente exista há muito tempo a comprovação da inexistência de raças entre os seres humanos.

As teorias raciais surgiram com o propósito de sustentar a manutenção das hierarquias durante o processo de libertação dos escravizados e justificavam a desigualdade social por meio de teses, não comprovadas empiricamente, que defendiam a diferença entre povos etnologicamente díspares (SCHWARCZ, 1993). No entanto, essas ideias continuam a ser reproduzidas erroneamente pelo senso comum, afetando de forma incisiva a população negra.

O mesmo tom pejorativo permanece nas falas seguintes. O vocativo “criolêu” é utilizado pelo primeiro interlocutor, assim como “beijola” e “tição”. O último termo, em seu sentido denotativo, significa carvão, madeira queimada, figurativamente remete à pessoa suja, que não tem bom caráter (AURÉLIO, 2019).

Posteriormente, encontramos, respectivamente, um adjetivo e dois substantivos: “burro”, “macaco” e “criolêu”. O autor destas interlocuções afirma de maneira explícita que “negro é burro”, comparando-o a um animal e defendendo a ideia das limitações cognitivas desse grupo. Em seguida, “macaco”, correlaciona novamente o afrodescendente a um animal, para, por fim, utilizar o termo criolêu, usado para se referenciar ao coletivo de crioulo, já analisado.

Mediante aos adjetivos e substantivos – crioulo, negrice, safados, beijola, tição, criolêu – identificados no texto e utilizados pelo personagem branco para chamar atenção e caracterizar o segundo personagem, podemos facilmente deduzir que, pela perspectiva do primeiro, o segundo carregaria um estigma em seu caráter imutável, como demonstrado em: “É, não adianta... Negro quando não faz na entrada...” (VERISSIMO, 2019, s/p.).

Partindo da discussão proposta por Eagleton, acreditamos que “a convicção de que as unidades individuais de qualquer sistema só têm significado em virtude de suas relações mútuas” (2006, p. 142). Assim, fica evidente que o primeiro falante usa um acervo lexical totalmente pejorativo para caracterizar e expor a sua própria concepção de identidade relativa ao segundo falante, devido ao outro carregar fenótipos da sua descendência africana e ele, caucasiana.

Portanto, pela perspectiva estruturalista, o primeiro falante vê o seu interlocutor como o seu oposto: se o outro é “burro”, ele se considera inteligente; se o outro só faz “negrice”, ele então só faria “branquice”; se o outro pertence a um bando de safados, ele pertenceria ao grupo dos cândidos. Esse jogo relacional demonstra uma tentativa de marcar uma suposta posição de superioridade, estratégia utilizada com o intuito de manter o poder hegemônico.

3. Identidades

Segundo Stuart Hall (2005), a identidade está centrada na ideia de diferença, ou seja, ela é construída a partir do encontro com diferentes ‘outros’. É na contradição que os elementos identitários surgem, uma vez que os aspectos considerados ‘estranhos’ no ‘outro’ reforçam os elementos significativos da identidade do ‘eu’. É, também, reafirmando sua identidade que o sujeito se diferencia dos demais.

Os espaços sociais onde diferentes culturas se encontram são chamados de “zonas de contato” por Pratt (1999). É necessário enfatizar que essas relações se apresentam pelas formas “extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo” (PRATT, 1999, p. 27), situação que nos permite afirmar que sempre haverá um sujeito que buscará se afirmar perante o ‘outro’, estabelecendo, assim, um jogo que possibilita a construção da sua identidade como norma e, conseqüentemente, a identidade do outro como uma ruptura.

De acordo com Bonnici (2011, p. 35), “a identidade pode ser definida como uma positividade (aquilo que a pessoa é), cuja referência é ela mesma. Se a identidade é autossuficiente e autônoma, a diferença é também uma entidade autossuficiente”. Nesse sentido, a identidade se configura como um processo em constante movimento e devir, “uma vez que ela muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (HALL, 2005, p. 21), dando respaldo para inferir a relevância da aparência na construção identitária.

Para Brah (2002), a fisionomia do indivíduo, em especial durante o regime colonial, serviu para a constituição dos racismos utilizados como instrumento de dominação e marginalização dos povos escravizados, pelos quais o colonizador outremizou e inferiorizou o indivíduo dominado, objetificando-o através de estereótipos advindos da ‘raça’.

Em outras palavras, pode-se dizer que o racismo foi utilizado como uma das formas de outremização para degradar o sujeito colonizado, incluindo, portanto, os negros que eram diferenciados, especialmente, pela sua cor dérmica. Como esclarece Hall (2006, p. 66), “O racismo tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza”.

É essa estrutura que dá respaldo para o primeiro interlocutor na crônica demonstrar a maneira como vê o sujeito negro – crioulo, negrice, bando de safados, beicola, tição, crioléo –, quais lugares a ele são destinados – “Vocês não têm clubes de vocês? Vão querer entrar nos nossos também?” (VERISSIMO, 2019, s/p.) –, assim como quais empregos ele pode almejar – empregado doméstico ou faxineira, lixeiro, carpinteiro –, com quem ele pode manter relações amistosas – “Eu expliquei lá em casa que você não fez por mal, que tinha confundido a menina com alguma empregadoza de cabelo ruim, não, que foi só um engano. Fui teu amigão.” (VERISSIMO, 2019, s/p) –, quais expressões culturais podem representá-lo – “Existe nada. Vocês têm toda a liberdade, têm tudo o que gostam. Têm carnaval, têm futebol [...]” (VERISSIMO, 2019, s/p), e, ainda, quais comidas mais lhe apeteçam – frutas como a “melancia”.

Todas essas delimitações têm como suporte a legitimidade abonada pela sociedade escravagista para a existência deste tipo de comportamento, obtida também a partir da normalização da discriminação e da violência racial, de maneira tácita e explícita, física e psicológica. É patente e digno de destaque que essas formas violentas de determinação do ‘outro’ não são criações atuais, elas seguem uma estrutura solidificada no Brasil pelos séculos de colonização europeia.

Como colônia de Portugal, o Brasil, semelhante às demais nações com a mesma condição, teve sua economia moldada desde o prelúdio da colonização pela mão de obra de sujeitos escravizados. Embora esse sistema socioeconômico tenha sido abolido oficialmente no final do século XIX no país, inúmeros fatores demonstram que a desigualdade promovida nesse período não desapareceu com a promulgação da Lei Áurea.

Nesse contexto, podemos citar as teorias raciais, já mencionadas, que serviam para manter e reforçar a hierarquização entre os diversos grupos étnicos através da exposição de dados declarados como empiricamente verificados pelos quais se provavam, de forma geral, a superioridade da raça branca (SCHWARCZ, 1993). Em outras palavras, essas teorias pseudocientíficas, como a frenologia e a craniologia, buscavam provar que características físicas específicas denotavam certas fraquezas de caráter e propensão à criminalidade ou a doenças. Essas características pertenciam sempre às raças não europeias que descreviam os grupos mestiços como seres degenerados e tinham como objetivo manter a superioridade de um coletivo hegemônico.

À semelhança do que faz o personagem branco, na crônica, ao não reconhecer a sua alteridade, o outremiza, usando a diferença dérmica para justificar sua marginalização, usurpando a possibilidade de esboçar reações, como demonstrado na passagem a seguir:

- Então prova, Beizola. Prova. Eu alguma vez te virei a cara? Naquela vez que te encontrei conversando com a minha irmã, não te pedi com toda a educação que não aparecesse na nossa rua? Hein, tição? Quem apanhou de toda a família foi a minha irmã. Vais dizer que nós temos preconceito contra branco?
- Não, mas... (VERISSIMO, 2019, s/p.).

O silenciamento do segundo personagem, que se reproduz nas próximas falas quando o primeiro o interpela quanto a sua autoridade para reivindicar a forma como era tratado, demonstra como “culturas colonizadas que se enclausuram em moldes de negação da alteridade sofrem de um legado ou psique de conquista” (HARRIS *apud* SOUZA, 1997, p. 76):

- Eu expliquei lá em casa que você não fez por mal, que não tinha confundido a menina com alguma empregadoza de cabelo ruim, não, que foi só um engano porque negro é burro mesmo. Fui teu amigão. Isso é racismo?
- Eu sei, mas... (VERISSIMO, 2019, s/p.).

A resposta incompleta representa a assimilação do negro como indivíduo inferior em relação ao branco. A diferença, utilizada no discurso dominante como estratégia para exclusão, é também responsável por desestruturar e dilacerar o dominado psicologicamente, inibindo a possibilidade de resistir contra a ação dominadora (ALVES, 2010), questão que justifica, também, a dificuldade de se combater essa desigualdade, normalizada e assimilada até por aqueles que a sofrem. Essas formas simbólicas acrescentam ainda mais violência a essa estrutura marcada pelo cerceamento da justiça e do direito; pela coação, opressão e tirania.

Nesse contexto, podemos recorrer ao termo “transculturização” para “descrever como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana” (PRATT, 1999, p. 30). Assim, os povos subjugados veem a construção das suas identidades controladas pela cultura dominante que indica as marcas culturais que podem ser absorvidas e como devem ser utilizadas. Na crônica analisada percebemos que o personagem negro elabora sua identidade a partir da visão do homem branco, algo que tem relação com a longa e violenta história da domesticação do corpo negro pelas sociedades brancas.

Entendendo a dupla relação nessas “zonas de contato”, precisamos pensar em como as sociedades hegemônicas se constroem nesse ambiente. Fica evidente no texto que o branco é sucessivamente apresentado como uma referência a ser seguida e também como o ditador das normas sociais. Em resumo, existe a imposição de um ‘eu’ detentor de poder e um ‘outro’ excluído. Talvez precisemos ser mais precisos ao definir essa estrutura social, uma vez que nem todas as pessoas brancas podem estar no topo dessa pirâmide reservada apenas para os homens,

escolarizados e com poder financeiro. As mulheres, mesmo que próximas, não possuem os mesmos privilégios, como percebemos na filha que é citada no texto como uma pessoa que não pode tomar suas próprias decisões e nem pode agir segundo suas vontades.

4. Multiculturalismo

É axiomático que o Brasil, como antiga colônia escravagista, teve a sua identidade influenciada pelos africanos que para cá foram forçosamente trazidos. No entanto, é importante salientar que a opressão ao negro não se desfez de maneira automática após a promulgação da Lei Áurea (1888), tanto que, durante o século XX, a imprensa negra no Brasil, cujo papel fundamental era denunciar as discriminações sofridas pelos sujeitos racializados e inseri-los no mercado de trabalho, foi suspensa. Além disso, centros religiosos de matrizes africanas e a capoeira foram criminalizados.

As limitações da população negra se estenderam pelos anos. “Em 1921, os jornais anunciaram que o presidente da República, Epitácio Pessoa, proibira a escalação de jogadores negros num selecionado brasileiro que ia à Argentina disputar um campeonato” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 257). Assim como outros não mencionados, todos esses dados comprováveis historicamente servem como provas irrefutáveis da tentativa de apagamento da cultura negra e da sua própria população, algo ainda hoje observável.

Haja vista as evidências da existência do racismo e necessidade de combatê-lo no Brasil contemporâneo, vemos se avultar diferentes formas de resistências advindas de uma parcela considerável da população quanto a admissão e discussão do tema e de suas implicações na sociedade. Essa postura pode ser em parte explicada pela crença no mito da democracia racial, termo criado para explicar a crença ilusória do povo brasileiro da inexistência de discriminação racial no país em razão da ausência de lutas ou segregações explicitamente derivadas de questões étnicas, como ocorreu nos Estados Unidos, com as leis de segregação racial conhecidas como Jim Crow, e na África do Sul, com o *apartheid* (BERNARDINO, 2002).

No caso do Estado brasileiro, a abolição da escravatura não foi seguida pela reparação social. Em verdade, apenas nos últimos anos, com políticas afirmativas respaldadas no conceito de multiculturalismo, iniciou-se um processo de tentativa de ajuste das desigualdades raciais. Como exemplo podemos citar o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerâncias originadas a partir de uma estrutura social de exclusão do outro racializado (BRASIL, 2015).

O multiculturalismo é uma palavra relativamente recente dentro do verbete, não só brasileiro, como internacional. De acordo com Bonnici (2001), o termo surge logo após as ondas migratórias entre os séculos XIX e XX, em razão do

reconhecimento do tratamento dado às contribuições culturais das comunidades historicamente subjugadas, como as aborígenes e africanas, dentro dos Estados-Nações ocidentais. Em outras palavras, o movimento migratório foi capaz de expor como essas comunidades imaginadas moldavam a identidade nacional através da sobreposição da cultura europeia acima das demais. Por isso, podemos perceber que, como na crônica, os elementos culturais originados explicitamente de origens africanas, como o samba e a capoeira, são considerados menores e destinados às pessoas marcadamente negras.

Ademais, os próprios afrodescendentes, por vezes, negavam sua cultura africana, como elucida Albuquerque (2006) ao discursar sobre a imprensa negra no Brasil:

Por vezes, os negros que escreviam nesses jornais também exibiam um discurso moralizador e preconceituoso ao recriminar determinados comportamentos e atitudes de outros negros. Sambas e candomblés, por exemplo, eram freqüentemente criticados como manifestações incivilizadas e desordeiras. Curiosamente, esses mesmos argumentos podiam ser lidos nos jornais de grande circulação quando estes se referiam ao samba e à religiosidade negra. Mas, para parte da intelectualidade negra da época, esses argumentos tinham outro sentido. Na visão deles era preciso incentivar comportamentos e atitudes que permitissem aos negros escapar dos estereótipos que a sociedade lhes atribuía - de serem vadios, beberrões, arruaceiros, primitivos (ALBUQUERQUE, 2006, p. 261).

Para Bonnici (2011), a tentativa de apagamento das culturas advindas de grupos étnicos inferiorizados ocorre não apenas no Estado brasileiro, como em outras nações colonizadas, onde “os fundadores e seus descendentes moldaram uma cultura muito semelhante à de seu país de origem; os imigrantes subsequentes tinham de se assimilar aos costumes e à cultura hegemônica em sua totalidade” (BONNICI, 2011, p. 15).

O multiculturalismo, em contramão a essa tendência histórica, seria o “reconhecimento da coexistência da pluralidade de culturas na mesma nação” (BONNICI, 2011, p. 13), afirmação que salienta a igualdade dessas diferentes culturas em seu valor simbólico em detrimento da usual hierarquização das mesmas, pregando assim, a igualdade entre elas.

Em alinhamento com esse pensamento, Steinberg e Kincheloe (2009), demonstram como a sociedade contemporânea é moldada pela supremacia branca, que é seu princípio padronizador. Além disso, é importante compreender que,

O bloco de poder supremacista branco assume seu poder pela capacidade de apagar sua presença. Como medida de todas as outras, a brancura não é hifenizada, não é descrita em "culturas do mundo", sem necessidade de introdução, e ausente na maioria dos

textos multiculturais. Sem dúvida, é um dos mais poderosos “nada” que podemos conjurar (STEINBERG; KINCHELOE, 2009, p. 14, tradução nossa)¹.

Em outras palavras, um dos fatores que garante o poder da etnia caucasiana é o fato de sua categoria ser apagada, deixando de ser mais um grupo, para ser o padrão. O seu próprio apagamento dificulta a sua contestação o que ratifica a sua hegemonia, observações que podem ser verificadas no objeto de estudo deste trabalho, uma vez que, na crônica, o personagem branco se coloca como superior pela sua descendência marcadamente europeia, o que o legitima a frequentar clubes, a poder se relacionar afetivamente com outros brancos, a ter direito a posições trabalhistas prestigiadas, entre outros benefícios; enquanto o outro personagem não teria os mesmos direitos, e, mais ainda, lhe é negado o direito de questionar o acesso a esses privilégios e continuar expressando sua insatisfação quanto ao racismo, como pode ser elucidado no trecho a seguir:

- E enquanto o negro conhecer o lugar dele, nunca vai haver racismo no Brasil. Está entendendo? Nunca. Aqui existe o diálogo.
- Sim, mas...
- E agora chega, você está ficando impertinente. Bate um samba aí que é isso que tu faz bem (VERISSIMO, 2019, s/p.).

Em resumo, podemos inferir que é o fenótipo do primeiro personagem que dá respaldo para chamar o seu interlocutor pelos adjetivos e substantivos já elencados e analisados e, conseqüentemente, perpetuar a relação não-horizontal e extremamente violenta entre eles. Fica evidente que o racismo é uma estratégia de dominação construída e disseminada pela linguagem e por ela também deve ser enfrentada, estratégia que buscamos colocar em prática neste trabalho.

5. Considerações finais

A crônica aqui analisada espelha a própria história do país, evidenciando a coerção histórica empregada para a submissão de grupos marginalizados. A falácia de que o preconceito racial se extinguiu, mesmo com as contínuas denúncias formais, representa a negação da realidade, a sua incompreensão ou simplesmente a recusa em perder a posição privilegiada que detém na sociedade.

Se a arte imita a vida, a crônica de Verissimo funciona como uma ferramenta de denúncia desse problema social ao público. De forma a não levantar dúvidas, o cronista demonstra como o sujeito negro ainda carrega um grande estigma, sendo depreciado tanto pela sua aparência física, quanto pela sua origem étnica e, por isso, moldado pelos olhos sociais como indigno de frequentar certos espaços, assim como de manter relacionamentos próximos com aqueles que não possuem o mesmo tom de pele. Todas as suas atitudes são delimitadas por uma parcela da população que se apresenta como centro de poder capaz de determinar as ações de todos os coletivos sociais.

A crueza da denúncia pode ser reconhecida pela ausência de tentativa de amenização da atitude do primeiro personagem, pela qual escapa sua perspectiva discriminatória. Tanto que, em sua fala, as manifestações culturais da comunidade negra são representadas de forma caricatural, marcadas pelo preconceito e pelas características exóticas. Da mesma forma, as profissões que ele considera apropriadas ao homem negro são limitadas àquelas que não possuem muito prestígio social e que são massivamente braçais, cerceando, ainda, a complexidade da identidade do outro, apagando sua subjetividade e descrevendo-o segundo estereótipos historicamente construídos.

O que verificamos é que a leitura atenta e reflexiva da crônica selecionada possibilita o deslocamento ou, pelo menos, a reconsideração dos valores presentes no inconsciente coletivo e individual, buscando, assim, abalar essas normas construídas, mantidas e disseminadas pela sociedade. Portanto, procuramos, neste artigo, propor reflexões que evidenciam a ocorrência do racismo, com o intuito de dismantelar a falácia do mito da democracia racial, cuja existência demanda o trabalho intensificado de exclusão do outro racializado. Essas discussões sobre a constituição social e as estratégias de exclusão numa sociedade escravocrata por excelência explicita os diversos níveis de violência sofrida por esses sujeitos, violências essas que podem e devem ser enfrentados por meio do discurso.

Notas

1 *The white supremacist power bloc assumes its power from its ability to raise its presence. As the measure of all others, whiteness is unhyphenated, undepicted in "cultures of the world", in no need of introduction, and absent in most multicultural texts. Undoubtedly, it is one of the most powerful "nothings" we can conjure.*

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro – Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVES, Erica Fernandes. **Diáspora:** resistência e revide em Small Island (2004), de Andrea Levy. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

AURÉLIO. **Significado de Tição.** Dicionário do Aurélio Online, 2019. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/ticao>>. Acesso em 10 de out. de 2019.

BERNARDINO, Joaze. Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, ano 24, nº 2, p. 247-273, 2002.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora:** Contesting Identities. London: Routledge, 2002.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial:** Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BONNICI, Thomas. Introdução. In: _____. **Multiculturalismo e diferença:** narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas/ Thomas Bonnici (organizador). – Maringá: Eduem, 2011, p. 13-59.

CANDIDO, Antonio et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. In: _____. **A vida ao rés- do- chão.** Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CONCEITO. **Conceito de crioulo.** São Paulo, 25 fev. 2013. Disponível em: <<https://conceito.de/crioulo>>. Acesso em 10 de out. de 2019.

COUTINHO, Afranio. **Introdução à literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura:** uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HALL. Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: Relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Smoke and Mirrors: More than One Way to Be Diverse and Multicultural. In: STEINBERG, Shirley. *Diversity and multiculturalismo: a reader*. New York, NY: Peter Lang Publishing, 2009.

VERISSMO, Luis Fernando. **Racismo**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/plano-de-aula-um-exercicio-sobre-o-texto-racismo-de-luiz-fernando-verissimo/>>. Acesso em 10 de out. de 2019.

Para citar este artigo

SANTOS, M. S.; MUNHOZ, R. F.; ARAÚJO, V. da S. A escolha lexical para a construção da identidade social negra em uma crônica de Luis Fernando Verissimo. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 3., 2020, p. 372-385.

Os Autores

MARIANA SILVA SANTOS é mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá.

RUAN FELLIPE MUNHOZ é doutorando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá.

VILMA DA SILVA ARAÚJO é mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá.